

LUTZ NIETHAMMER

Data: 18 de outubro de 1995

Local: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP

Entrevistador: Daisy Perelmutter

Entrevistadores convidados: Estefânia Canguçu Knotz Fraga e Marianne Ludman

Registro em vídeo: Adriana Judith Rachman

DP: Professor Niethammer, gostaríamos que você desse início ao depoimento falando um pouco sobre sua infância, onde e quando nasceu.

LN: Nasci no final de 1939, no início da Segunda Guerra Mundial; meu pai foi para a guerra três meses antes de meu nascimento. Voltou quando eu tinha 11 anos, após ter lutado e vivido como prisioneiro de guerra. Portanto, fui criado entre mulheres. Durante a época da guerra, minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu vivemos no interior. Morávamos em uma casa onde havia dez mulheres e dois garotos, portanto fui realmente criado entre mulheres. Quando a guerra terminou, éramos uma família de cinco pessoas. Uma de minhas primeiras lembranças reporta-se ao tempo em que fui para a escola em uma pequena cidade no sul da Alemanha. No início das aulas havia 85 crianças em minha classe. Naquela época, tudo estava deteriorado na Alemanha, e quando meu pai voltou da guerra e do cativeiro na Rússia, voltamos para Stuttgart, minha terra natal. Stuttgart é a capital regional da província, e foi lá que freqüentei o curso secundário. Esse é um apanhado geral sobre minha infância. Acho que o fato de ter nascido durante a guerra e ter sido criado entre mulheres teve muita influência em minha vida.

DP: Sua mãe tinha alguma atividade profissional?

LN: Meus pais haviam trabalhado fazendo propaganda de artistas – minha mãe era a mais criativa dos dois. Ela trabalhou enquanto meu pai esteve fora. Na verdade,

ela era mais velha do que ele e mais bem qualificada em termos profissionais; havia sido assistente da Escola de Artes; meu pai era mais conservador – de fato, era um nazista. Consegui reconstruir a vida de meus pais através de suas cartas e pinturas. Minha mãe passou por um processo de adaptação, uma espécie de emancipação, pois teve de cuidar dos filhos durante a guerra e o pós-guerra, trabalhando o tempo todo, e quando meu pai voltou ele era um estranho para ela.

DP: Você teve uma formação religiosa?

LN: Meus pais não eram religiosos, mas minha mãe vinha de uma família católica, e durante a guerra passamos a morar com seus parentes – minha avó e outra filha, que estava na escola. Elas eram muito católicas, portanto eu pensava: “sou protestante, mas estou vivendo em uma atmosfera essencialmente católica”. Na verdade, estudei Teologia; naquela época eu pensava em ser jornalista; como jornalista você podia estudar qualquer assunto; creio que isso era típico da época, e foi quando decidi o que pretendia estudar. Lembro-me de que estudei Teologia em 1960, pela mesma razão que, dez anos mais tarde, as pessoas passaram a estudar Psicologia, uma espécie de autoterapia. Três ou quatro anos mais tarde abandonei a Teologia e comecei a estudar Ciências Sociais, que também fazia parte da mudança cultural da década de 60.

DP: Quais são as suas memórias da sua cidade natal?

LN: Quando fomos para o interior, durante a guerra, eu tinha três anos; não me lembro de nada dos três primeiros anos de minha vida; quando voltamos a morar na cidade eu estava com 11 ou 12 anos, fase muito interessante para se passar a viver em um lugar maior. Passar a infância no campo é muito bom, mas na adolescência você quer morar em uma cidade, e naquela época Stuttgart estava sendo reconstruída. Embora, dentro dos padrões brasileiros, Stuttgart seja uma cidade muito pequena, com cerca de 400-500 mil habitantes, na década de 50 havia um espírito de reconstrução por toda parte, tudo estava mudando, as ruínas desapareceram, e a cidade foi reconstruída.

No início, eu era um aluno muito relapso; eu queria ser arquiteto; mas havia muitos arquitetos e projetistas na família. Eu era muito fraco também nos esportes e tentei ficar longe dessa área.

DP: Você teve algum tipo de militância estudantil?

LN: Sim, e fundei uma revista estudantil, uma revista para crianças, juntamente com algumas garotas que eram minhas vizinhas, e isso me trouxe uma série de vantagens: em primeiro lugar, ganhei uma carteirinha de “homem de imprensa” e podia ir ao cinema sem pagar ingresso – naquela época eu ia ao cinema três ou quatro vezes por semana. Segundo, eu era o único garoto que tinha permissão para entrar no ginásio feminino porque, como editor, tinha contatos oficiais para fazer em nome da revista, e, terceiro, assistia às aulas de editoração em vez das aulas de educação física e consegui me livrar dessa matéria – escolhi o professor de educação física como nosso consultor, portanto ele me liberou de suas aulas.

Nessa época eu estava com 15 anos, e aos 19 não havia praticado nenhum esporte, e considerava isso muito bom. Na década de 50, a atmosfera na Alemanha era, segundo me lembro, um tanto curiosa, pois, por um lado, havia coisas extremamente tradicionais, além do silêncio a respeito da guerra, e, por outro, havia os jovens, franceses e americanos; os franceses eram existencialistas pretenciosos. Os americanos, filhos de um país grande e democrático, com sua cultura de massa e sua tecnologia, sua grande população de jovens. Nos anos 50, para minha geração, principalmente para os mais jovens, os Estados Unidos não mais eram alvo de tanta veneração, era um país encarado com naturalidade; nossa formação não incluía as vigorosas e dinâmicas idéias pre-concebidas dos nazistas porque não havíamos realmente vivenciado aquela época, era mais um problema de querer saber como fora e como nossos pais haviam se comportado.

Mais tarde, na década de 60, devido à guerra do Vietnã, para aqueles que eram um pouco mais jovens que eu, os Estados Unidos se transformaram em uma espécie de anti-herói, portanto eu vivi entre esses dois conceitos. Não passei a odiar os Estados Unidos como as pessoas que eram 4 ou 5 anos mais jovens que eu, mas também não pertencia à geração dos conhecidos filósofos alemães, como Habermas, por exemplo. Ele nasceu por volta de 1930 e considerava a ocidentalização da Alemanha Ocidental o resultado principal do pós-guerra na Alemanha. Eu não tenho esse tipo de pensamento, portanto estou, de certa forma, mais ou menos entre as gerações mais marcadas.

DP: Quais são suas memórias mais marcantes sobre a guerra? Sua mãe costumava conversar com você sobre esse assunto? É provável que a guerra o tenha afetado muito, pois você só conheceu seu pai quando estava com 11 anos.

LN: Sim, isso teve muita influência em minha vida pessoal. Na verdade, meu pai e eu nunca nos entendemos depois que ele voltou da guerra. Não me lembro bem, mas meus parentes contavam que certa vez meu pai voltou para casa antes de uma batalha, ou coisa parecida; estava usando uniforme; eu não o conhecia, e nem ele a mim, e deve ter sido muito difícil para ele também; a única coisa que eu disse quando me dirigi a ele foi: “os soldados devem ir embora”. Mais tarde nós nos reencontramos, e foi muito difícil. Quando ele morreu, no final da década de 60, passei a sentir falta dele, pois já o compreendia melhor. Em muitos aspectos nós éramos parecidos, mas durante o período em que convivemos, na década de 50, discutíamos o tempo todo; eu era uma criança, mas creio que essas discussões eram comuns entre as gerações alemãs daquela época.

Por outro lado, as primeiras lembranças que tenho são imagens da guerra. A primeira coisa da qual realmente me lembro é de uma tarde em que eu estava com meu avô e minha tia; minha mãe e algumas pessoas da família estavam sentadas na cozinha; o céu estava nublado. Stuttgart ficava a cerca de 75 km de distância do local onde morávamos, e foi a noite do grande bombardeio sobre nosso vilarejo; de repente, minha avó disse: “Agora é a vez da nossa casa”, e, de fato, foi. Aquele céu avermelhado que eu vi através da janela da cozinha representa uma de minhas primeiras lembranças.

Outra imagem, que está relacionada com o final da guerra, é de uma cena que ocorreu em abril de 1945; é trágica e cômica ao mesmo tempo; havíamos nos reunido para a libertação. O trágico é que deve ter acontecido dois ou três dias antes que o exército francês entrasse no vilarejo onde morávamos. Houve um bombardeio aéreo, e um dos trabalhadores estrangeiros que haviam sido trazidos da Alemanha estava procurando abrigo; todos nós estávamos abrigados no porão da casa; havia uma árvore nas proximidades, e aquele homem procurou abrigo sob a árvore; ouvimos então um grande estrondo e saímos do porão – a árvore não estava mais lá, havia desaparecido.

A casa onde morávamos pertencia a três senhoras idosas que não gostavam de crianças. Havia uma varanda ao redor da casa, e eu gostava de dar a volta nela

em um velocípede, mas não conseguia me equilibrar muito bem. Certo dia, os franceses chegaram – eram negros marroquinos – com tanques e procuravam uma posição na casa de onde pudessem atirar; enquanto escolhiam essa posição, percorreram a varanda com um de seus tanques, destruindo-a completamente; para mim, aquilo ficou gravado como a imagem da libertação.

DP: E sobre seu tempo de escola, como era o ensino de História naquela época?

LN: Bem, primeiro tive aulas de História, quando frequentei uma escola secundária alemã. Creio que eu tinha 12 ou 13 anos, portanto acho que estávamos morando em Stuttgart. Além disso não estudei mais essa matéria; talvez tenha aprendido algumas coisas locais, geografia local, por exemplo. Lembro-me de que minha tia era professora de História, de inglês e de francês e ficou muito surpresa quando foi promovida a diretora da escola. Ela não era nazista, ao contrário, era muito católica, e foi promovida porque praticamente todos os outros professores eram nazistas e haviam sido expulsos logo nos primeiros dias depois da guerra; mais tarde voltaram, mas quando eles foram expulsos, ela foi promovida, e os franceses vieram e introduziram novos livros escolares. Iniciaram um tipo de reorientação; era muito curioso, pois eles ensinavam que o nazismo representava o militarismo alemão, o que, de certa forma, é verdade, e, por outro lado, muito bonito de se dizer..., em resumo, a reforma se resumiu em suprimir dos livros de História todas as guerras – ainda tenho em casa um desses livros, que na verdade nunca usei, pois tive aulas de História somente a partir de 1950, e esse livro foi escrito em 1946.

Na zona de ocupação francesa foi adotado um livro de História no qual as guerras simplesmente não eram mencionadas e, conforme todos sabem, as guerras tinham sido muito importantes no contexto da história européia. Eles tentavam mudar nossos conhecimentos, deixando esse lado da realidade fora de nosso alcance, pois achavam que a juventude alemã sempre fora educada com base na história militar alemã, e coisas desse tipo. Se era verdade ou não, eu não sei, mas era uma tolice tentar mudar a história, deixando de lado o aspecto militar.

Quando comecei a estudar História, era como voltar ao não-nacionalismo, não-militarismo. Assim, começamos com o Egito Antigo, e creio que levamos dois ou três anos para chegar à História Moderna. Em geral, a matéria era esquematizada de modo que você tinha de estudar História dos 12 aos 16 anos, quando havia um

primeiro exame. Em geral, os professores que tinham sido soldados ou nazistas, tentavam estender o ensino da História dos séculos XVIII e XIX, de modo que sobravam apenas duas ou três horas para a história do século XX, e assim eles não eram forçados a falar sobre o século XX.

ML: Isso ainda acontecia quando entrei na escola.

LN: Mas com alguns professores isso era diferente; havia, por exemplo, professores jovens que haviam estado nos Estados Unidos e tinham muita vontade de falar sobre o assunto. No meu caso, o professor de História não queria falar sobre isso, mas tivemos também aulas de Estudos Sociais; o professor era um jovem que realmente não queria se envolver, e assim não tínhamos acesso a esse tipo de história. Mas passamos a conhecer as discrepâncias da memória pública, e acho que essa foi a lição que aprendemos. Ficamos privados da história contemporânea da Alemanha, mas os fragmentos de memória da geração mais velha constituíram a verdadeira lição que aprendemos.

DP: E quando você se decidiu pela carreira de História?

LN: Conforme eu disse, comecei a estudar Teologia e, embora meus pais não frequentassem a Igreja, frequentei um curso de um ano em uma igreja, para estudar hebraico e grego. Essa foi uma experiência extraordinária, pois todas as pessoas com as quais eu convivi estavam estudando para se tornar pastores protestantes; eu era o único rapaz que não tinha intenção de se tornar um membro da Igreja. Na verdade, a garota que se sentava ao meu lado nas aulas de hebraico pretendia se tornar uma freira protestante, o que era algo muito sério. Havia somente um mosteiro protestante em toda a Europa, e ela queria ir para lá, e, para mim, isso era uma coisa tão extraordinária e estranha que imediatamente me apaixonei por outra garota do curso. Eu gostava realmente de estudar hebraico; era a primeira vez que entrava em contato com alguma coisa que estava completamente fora da estrutura alemã. Creio que a primeira vez que considerei a História como profissão foi durante a época em que estudei o Velho Testamento.

Comecei a ler cuidadosamente os livros antigos, de maneira crítica, e isso era uma coisa realmente nova. Senti-me gratificado com esse tipo de introdução à História. Fiz outros cursos sobre História e Ciências Sociais e frequentei a universidade de

Heidelberg. Algumas cidades universitárias não foram bombardeadas durante a guerra, e esse foi também o caso de Heidelberg, porque essas cidades abrigavam grandes centros hospitalares. Havia uma espécie de acordo tácito internacional segundo o qual os centros hospitalares deviam ser poupados. Portanto, estudar em um local desse tipo era uma coisa romântica, pois muitas partes da Alemanha haviam sido bombardeadas.

Tudo naquele país era novo, de modo semelhante ao que acontece aqui nas grandes cidades, mas estudar em uma cidade universitária era realmente romântico. Na verdade, isso me causou uma impressão tão profunda que eu tinha idéias bastante tolas quando fui para os Estados Unidos pela primeira vez, em 1965. Naquela época eu estava preparando minha dissertação e pensava que naquele país tudo era novo, os prédios e tudo mais. Imaginava as cidades americanas como algo oposto às cidades alemãs. Fiquei admirado ao constatar que o estilo americano era muito mais velho que o da nova Alemanha, nos locais que não haviam sofrido bombardeios.

Fiz também cursos de História e de Ciências Sociais durante o terceiro ano em que estudei Teologia. De acordo com o programa, estudávamos primeiramente história religiosa e história da Igreja, líamos e estudávamos a Bíblia; eu gostava de todas essas matérias, mas depois passei a estudar a filosofia religiosa e coisas práticas, por exemplo, como lidar com as pessoas. Eu achava que os professores eram hipócritas ou não eram convincentes. Foi quando surgiu o dogmatismo; eu então abandonei a Teologia e passei a me dedicar à História e às Ciências Sociais.

DP: História e Ciências Sociais. Como você estabeleceu a articulação entre ambas as disciplinas?

LN: Creio que, como muitas pessoas de minha geração, eu estava mais interessado na história contemporânea – o 3º Reich, o nazismo; o núcleo daquilo que, em nosso entender, constituía a história da Alemanha. Tínhamos de nos inteirar sobre esses assuntos e, ao mesmo tempo, achávamos que muitos historiadores daquele período tentavam também analisar as Ciências Políticas e a Sociologia. Como já disse antes, sinto-me de certa forma entre duas gerações e pertença à mais velha. Os mais velhos diriam que é preciso encarar a História como uma Ciência Social, mas na verdade havia pouca relação com a lógica social; muitas pessoas não colaboram

para isso, apenas valem-se de teorias. Nunca entendi a História como uma Ciência Social, mas sim como um modo de ler, como uma arte. Entretanto, durante toda minha vida profissional sempre me preocupeí com a lógica social e com as pessoas, portanto para mim isso não é uma coisa teórica. Fez parte de minha formação, de meus amigos e continuará a ser assim. Até hoje eu realmente colaboro, na prática, com os cientistas sociais. Mas em meu ponto de vista, a História não é uma Ciência Social. Tem uma outra relação com o público, mas não tem resultados práticos. Eu achava que para lidar com História era preciso considerá-la muito mais como parte da memória, enquanto as pessoas que são uns 20 anos mais velhas que eu encaram a História como uma memória que é apenas lixo, que não é cultural, etc.

DP: E como surgiu o interesse pela História Oral?

LN: Bem, talvez eu devesse mencionar influências anteriores, pois a História Oral da Alemanha veio bem mais tarde. Creio que começou no final da década de 70; acho que minha formação universitária se voltou totalmente para História em 1964. Foi nessa época que tive o primeiro contato com entrevistas, não com História Oral. Tive uma experiência curiosa logo que comecei a fazer entrevistas. Estava preparando uma dissertação sobre a “desnazificação” da Bavária e entrevistei muitas pessoas, mas não usava um gravador, apenas tomava notas.

Minha primeira experiência com o uso de um gravador foi em uma entrevista com um velho comunista; ele estivera em um campo de concentração e era uma das poucas pessoas que tinham tentado escapar do campo. Quando ele voltou para casa, entrei em contato com ele, dizendo que gostaria de entrevistá-lo. Usando um gravador, eu ia lhe fazendo perguntas. Havia um microfone entre nós, mas ele não se sentia à vontade, pois certas pessoas haviam sido expurgadas, e ele estava preocupado em dar um depoimento exato, sob o ponto de vista histórico, pois eu era um historiador. Assim, naquele primeiro contato, minha intenção era fazer uma entrevista, mas na verdade a documentação foi criada pelo próprio entrevistado. Como era a primeira vez, ele não sabia operar o aparelho; estava confuso (tinha perdido a amante pouco tempo atrás) e não percebeu que, depois de meia hora a fita acabou; só percebeu isso depois de duas horas e ficou muito nervoso ao constatar que a fita não serviria para nada. Assim, meu primeiro trabalho envolvendo entrevistas foi, de certa modo, divertido.

Naquela época considerávamos as entrevistas como parte do processo de coletar dados sobre a história local, não como parte da história da vida, ou seja, não dávamos a elas uma interpretação cultural; não tínhamos fitas, nem documentos; trabalhávamos apenas com o que tínhamos ouvido e anotado. O início da História Oral na Universidade da Alemanha foi, de certa forma, demorado, e eu poderia dizer que grande parte dela estava relacionada com o final da década de 70, pois inúmeras entrevistas tinham sido realizadas depois da guerra.

Houve um expurgo – a chamada desnazificação –, e trabalhei durante oito meses nesse assunto, a fim de coletar dados para minha dissertação; era uma coisa realmente massificante. Depois da guerra foram realizados julgamentos nos estados pertencentes às zonas ocidentais e praticamente um terço da população foi indiretamente afetada pelo processo de desnazificação que, no final, não produziu muitos resultados, devido à guerra fria. Os americanos foram obrigados a adotar uma atitude mais amigável para com os alemães, mas, no final de 1945 e no início de 1946, quase todas as pessoas tinham de preencher questionários e dar entrevistas, e havia pesadas sanções por parte do governo. Acho, portanto, que a primeira coisa que os alemães aprenderam sobre tradição oral, no caso de seu país, é que a tradição oral era sinônimo de mentir.

A lição básica aprendida pelos alemães depois da guerra foi o processo de desnazificação, e todos sabiam que tentávamos escapar da acusação de assassinato. Tentamos atravessar esse processo e, como todos diziam – com razão –, “você não pode confiar em ninguém para contar sua própria história, ou você tem documentos, ou então nada é confiável”.

De modo semelhante, como ocorreu na década de 50 – foi uma das experiências de minha geração –, quando uma família se reunia para alguma comemoração, em menos de meia hora todos os homens de meia-idade já estavam agrupados, contando histórias; nós, as crianças, odiávamos isso. Hoje fazemos entrevistas procurando ouvir essas mesmas histórias. Na época em que havia inúmeras histórias desse tipo na sociedade – as histórias sobre a guerra eram contadas em toda parte – nós sentíamos ódio; eu queria que as pessoas se calassem, mas elas precisavam de uma espécie de “quadro de mensagens”, no qual pudessem registrar fragmentos de sua memória. Portanto, a tradição oral da história contemporânea da Alemanha foi muito desvalorizada, e nós costumávamos abordá-la sob perspectivas diferentes. Em resumo, tudo versava sobre o 3º Reich.

De certa forma, a história precisava ser reiniciada de modo diferente, e começou através da experiência, por volta de 1968, para que nos livrássemos da teoria e passássemos a conhecer as pessoas, o que em geral era chamado de “história da vida do dia-a-dia”. E foi em 1968 que criamos uma espécie de esquerdismo que jamais existira antes; tudo e todos se voltavam para o movimento trabalhista, o sistema trabalhista, etc. Muitos pertenciam à classe média; esse movimento passou a se projetar e estendeu-se aos países do terceiro mundo. Na década de 70, as pessoas achavam que as desigualdades não podiam continuar. Era preciso eliminá-la, ou ir para o Tibete, ou algo parecido.

Creio que a História Oral teve início principalmente na Alemanha, mas também, de certa forma, na Itália e na França, onde o movimento não se desenvolveu ao mesmo tempo, mas onde havia mais raízes; por exemplo, na Itália – embora o país tivesse atravessado o processo fascista –, havia uma resistência esquerdista mais forte, que ali começou depois da guerra, portanto havia a crença em uma mentira diferente. A mentira que dizia que todas as pessoas boas haviam participado da resistência, como na França, era uma coisa complicada, mas não tinha tanto des-crédito como na Alemanha.

As pessoas que atravessaram o ano de 1968, tornando-se esquerdistas sem saber de nada, precisaram chegar mais perto da realidade, da vida real da classe trabalhadora, das pessoas, das mulheres, etc, das coisas que aconteceram ao mesmo tempo.

Em 1970, eu ensinava História no distrito de Ruhr, escolha que fiz deliberadamente. Não havia universidades naquele distrito. É um importante distrito industrial europeu, mas sua população é 5 milhões de habitantes, pequena em comparação com os 18 milhões que vocês têm aqui, mas de acordo com os padrões europeus é muito grande, e é, ou costumava ser, um distrito proletário, voltado para a indústria do carvão e do aço, e o povo de lá não tinha educação superior.

A primeira universidade do Ruhr foi fundada em 1965, e lá trabalhei como assistente, no início de 1968. Eu vinha de Heidelberg, palco, em 1968, de ondas de um movimento caracteristicamente burguês, etc. Meu primeiro emprego em 1968 foi em uma cidade siderúrgica, e as coisas lá eram muito diferentes, havia inclusive manifestações, mas naquela época o distrito de Ruhr era um dos poucos locais da Europa em que havia verdadeiras manifestações da classe trabalhadora em geral, de trabalhadores do setor siderúrgico, e de pessoas da universidade recém-inaugurada.

De certo modo, entrei em contato com todas essas coisas de uma forma mais realista, e isso foi importante. Mas na década de 50 eu era uma criança e, portanto, sempre fui um liberal. Jamais me considerei um verdadeiro socialista, como muitos da geração mais nova, mas mesmo assim tudo isso me influenciou profundamente. Foi uma abertura cultural. Essas coisas aconteceram em um cenário industrial, e mais tarde eu pude escolher entre ir trabalhar em Berlim ou em Bremen, que era uma cidade muito bonita, relativamente nova. Na década de 70 Bremen passou a contar com uma nova universidade, que era de esquerda. Naquela época eu estava em Paris e tive uma oferta para trabalhar nessa cidade, mas preferi voltar para o Ruhr, pois achava que lá havia uma espécie de realismo, e eu acreditava que isso era algo positivo. Não era tão chique, mas lá eu me sentia bem.

Acho que estou falando sobre todas essas coisas porque essas influências também me fizeram começar a tentar fazer da História Oral uma parte da história profissional. Naquela época eu pertencia a um sindicato em Essen; tentávamos não nos envolver apenas teoricamente com o heroísmo da classe operária, mas sim estabelecer um relacionamento com as pessoas à nossa volta, pois naquela ocasião o vale do Ruhr estava passando por uma grande transformação; a indústria do carvão estava falida, os operários da indústria siderúrgica estavam em crise, e todos achavam que a industrialização deveria ocorrer através de indústrias de serviços terceirizados, etc.

Portanto, havia uma crise muito grande, além da memória do velho modo de vida, os filhos dos operários estavam freqüentando universidades recém-fundadas – eram nossos estudantes. De certo modo, portanto, foi uma época de crise, mas de uma forma muito estimulante. Nesse cenário, queríamos fazer coisas junto com as pessoas que nos rodeavam, embora fôssemos diferentes delas. Tenho uma formação de classe média, estudei em Heidelberg, mas mesmo assim eu morava na região do Ruhr e convivía com os moradores de lá.

Na década de 70, estudei Direito durante dois anos, e esse fato também influenciou minha vida.

Antes de me tornar professor, eu era professor convidado de Oxford e fiz muitos amigos entre os historiadores e fiz também contato com E. P. Thompson. O conceito de Thompson sobre História, que ele explica em seu primeiro livro importante sobre a história da classe operária inglesa, exerceu grande influência sobre minha formação, e eu tentei transmitir isso.

O *History Workshop*, que no início da década de 70 acabou se transformando em um movimento – o que não costuma ocorrer tão facilmente em Oxford –, exerceu uma grande influência no meu caso, pois naquela ocasião eu apreciava aquela tendência esquerdista na Inglaterra; as pessoas estavam realmente em contato com a classe operária através da educação de adultos e coisas desse tipo.

Outra grande influência em minha vida foi o ano que passei em Paris, 1978. Particpei de um pequeno seminário, organizado por Fernand Braudel, durante o qual conheci muitas pessoas. Na verdade, aquele ano em Paris de certa forma funcionou também como um desmistificador, pois Fernand Braudel, uma personalidade fascinante, tinha grande ligação com o Brasil, pois havia morado aqui durante um ano. Sob o ponto de vista alemão, a escola dos *Annales* parecia um tanto de esquerda, muito científica e teórica. Mas na realidade, jamais conheci alguém menos teórico que Braudel, um contador de histórias filho de um fazendeiro da região da Alsácia-Lorena, na França; essa região havia se tornado parte do Império Alemão e, portanto, ele era mais ou menos da fronteira alemã. Muitos franceses são extremamente nacionalistas, e ele também era, e fez do Mediterrâneo o assunto central de sua vida. Ele não era daquela região e não tinha relacionamentos lá, mas na velhice se apegou àquela região, assim como ao Brasil.

Quando nos conhecemos ele tinha mais de 80 anos. A imagem que ele tinha da sociedade era que todos os países do mundo eram governados por 200 famílias e que cada sociedade tinha uma elite, uma espécie de aristocracia local. Achava também que o Brasil era governado por 200 famílias, de modo semelhante ao que ocorria em outros países; isso me surpreendeu muito, pois era completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. O interessante é que eu tinha um relacionamento muito amigável com o pessoal da escola dos *Annales*, e, no meu caso, isso foi muito útil e atuou como um desmistificador.

O que quero dizer é que todas as importantes inovações na história alemã do período pós-guerra foram realizadas através da imigração de alemães para a América e da importação da história liberal e da teoria da modernização, ou ainda, deveram-se ao fato de que as pessoas foram para a França estudar o marxismo. No meu caso, era mais uma questão de ir para a Inglaterra para me inteirar a respeito do *History Workshop*. Isso foi, de certa forma, proporcionado por Paul Thompson quando, em 1978, ele realizou a primeira Conferência Internacional sobre História Oral, em Colchester.

Creio que há uma geração de historiadores orais na Europa, nascidos entre 1938 e 1948 – durante a guerra e o pós-guerra –, que não eram propriamente ativistas, mas que foram muito influenciados pela efervescência de 1968. Mesmo assim, 1968 foi importante na formação de todos nós, pois de repente passamos a nos compreender mutuamente; éramos forasteiros em nosso próprio país e unimo-nos para construir um novo e sofisticado tipo de conhecimento de âmbito internacional; foi uma grande experiência renovadora. Essas conferências eram muito diferentes de outras conferências sobre História.

Naquela época, no início da década de 80, tinham um aspecto populista, quase romântico; eram mais abertas aos jovens, não eram tão hierárquicas; tinham um aspecto festivo, de confraternização, pois reuniam forasteiros que adquiriam força a partir do encontro com pessoas de outros países. Não tenho certeza se esse tipo de sentimento ainda continua vivo, e sei que varia de país para país, mas ainda há uma tendência subjacente que nos mantém unidos.

E na Alemanha tivemos de superar o conceito de que atualmente todas as pessoas são mentirosas, de que todos os alemães mentem a respeito da história de seu país, de que não podemos construir a História Oral partindo do pressuposto de que todo mundo mente. Você pode lidar com mentiras ou talvez fazer pesquisas dentro de uma cultura um tanto mentirosa, mas se o pressuposto geral é de que todos mentem sobre a história da vida, isso fica difícil. Portanto, não começamos por aí. Decidimos visitar primeiramente vários outros países e sentir a experiência deles.

O primeiro livro que editei falava sobre minha experiência com História Oral nos Estados Unidos, França, Itália e Inglaterra. Hoje, muitos escritores de História Oral foram figuras importantes do Movimento Internacional de História Oral dos primeiros tempos. Trazer essa experiência estrangeira para a Alemanha foi, em minha opinião, o ponto de partida, pois percebemos que entre os alemães vigorava o pressuposto de que a tradição oral era algo sem sentido, um fenômeno cultural específico que devia ser pesquisado. As pessoas ligadas à história contemporânea daquela época diziam: “Bem, agora os bons democratas alemães estão envelhecendo e recebem pensões, portanto devemos passar a entrevistar políticos”.

Visitar os Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália e trazer a experiência deles mostrou ser uma abordagem cultural da História Oral bastante diferente do que era esperado e, em um sentido amplo, de esquerda. Entretanto, acho que dessa

experiência resultou uma combinação muito especial, pois logo depois, no início da década de 80, a História Oral se tornou moda, mas não de forma acadêmica.

DP: Quando é que a História Oral profissionalizou-se?

LN: Isso aconteceu rapidamente. Conforme eu disse, creio que a leitura da História Oral internacional surgiu em 1978-79. Naquela época, muitas pessoas já estavam experimentando uma forma bastante sofisticada de realizar entrevistas e também de trabalhar com a lógica social. Creio que o ponto alto da História Oral profissional aconteceu na primeira metade da década de 80, pois naquela época a mídia e também o ensino da História Oral nas escolas faziam amplo uso de entrevistas para realizar pesquisas entre a geração mais nova, a respeito de seus avós fascistas.

Há na Alemanha uma fundação particular que patrocina um concurso anual, ou bienal. A fundação concede um prêmio, pago com dinheiro de particulares, que é direcionado para o estudo de História. Eu sou membro da diretoria científica dessa instituição desde meados da década de 70. Juntamente com um grupo, tento primeiramente direcionar esse concurso para a história do dia-a-dia da vida; no início da década de 80, organizamos um concurso sobre a vida no início do regime fascista.

A iniciativa foi muito bem-sucedida e prendeu a atenção do público. Os alunos entregaram cerca de 3.000 projetos, e isso significa que praticamente em todas as cidades os jovens consultaram os arquivos locais e fizeram entrevistas com as pessoas das redondezas. Isso possibilitou uma verdadeira abertura da memória coletiva em benefício das crianças, muito mais que através de historiadores profissionais, mas ocorreu paralelamente a um processo em que o silêncio dos alemães sobre sua própria memória do fascismo estava em vias de extinção, já que a geração que participou diretamente deste momento não mais vivia.

Assim, a abertura da memória sobre a experiência fascista começou pelos jovens que haviam sido discípulos ou membros do governo de Hitler. Eles tinham um problema, mas por outro lado não tinham nenhuma responsabilidade, e podiam ser os primeiros a dizer: “Eu vivi essa experiência e fui um nazista, mas não fui um representante legítimo do regime”. Isso tudo era um tipo de conjectura que se repetiu no final da década de 70 e no início da década de 80. Portanto, foi assim que a História Oral se transformou em uma coisa profissional. Mas naquela ocasião

não era muito bem recebida pelos historiadores acadêmicos, e creio que sou um dos poucos professores de História Geral que já se dedicou a isso, mas acho que era importante que pelo menos um professor de História Geral o fizesse, pois como eu já era um professor de História Geral antes de me dedicar à História Oral, ninguém poderia dizer que eu estava entrando pela porta dos fundos, ou algo parecido. Mas é um pouco difícil transmitir isso para outras gerações.

Eu achava também que as pessoas deviam desenvolver um determinado trabalho durante uns 10 anos e depois encarregar outros desse trabalho, por isso não pretendo ser um historiador oral durante minha vida toda, mas já fiz muitas coisas nessa área durante a década de 80 e no início da década de 90. Mas como fui o único professor de História Geral na Alemanha a fazer isso, acabei me tornando uma espécie de marca registrada, da qual gostaria de me livrar.

Agora, para falar sobre algo mais concreto, talvez fosse interessante contar alguma coisa sobre os projetos que dirigi. Como já disse, eu era professor de História na recém-inaugurada Universidade de Essen, cidade metropolitana do distrito industrial do Ruhr. Depois de fazermos essa interpretação da História Oral, realizamos um projeto sobre a classe trabalhadora daquela região, por volta de 1968. O Ruhr era um distrito essencialmente proletário, e desenvolvemos nosso trabalho de uma maneira que talvez tenha sido bastante especial para a Alemanha.

O trabalho estava relacionado com as experiências da época do fascismo, e tentamos registrar a história da transformação da classe trabalhadora, desde a grande depressão de 1930 até o período de modernização, na década de 60, pois esses anos englobavam o 3º Reich e o período de reconstrução pós-guerra, e assim não havia outras fontes que pudessem ser consultadas. Achávamos, portanto, que seria muito importante fazer com que as pessoas percebessem que elas próprias podiam servir como uma sondagem da continuidade, pois os sistemas políticos, econômicos e culturais estavam, de certo modo, prejudicados pela falta de continuidade. Por um lado, tentávamos estabelecer essa continuidade e, por outro, reconstruir a cultura da classe trabalhadora durante aquele turbulento período.

Para iniciar o projeto, conseguimos uma doação da fundação e pudemos contratar três pessoas em regime de tempo integral, mas como naquela época havia muito desemprego, decidimos contratar seis pessoas em regime de meio período. Colocamos anúncios para recrutar esse pessoal e contratamos quatro homens e duas mulheres; nenhum deles tinha experiência em História Oral. Tinham formações

diferentes, um tanto de esquerda. Um dos homens tinha desempenhado importante papel no movimento maoísta; o partido comunista ao qual pertencera acabara de ser dissolvido e ele fora um dos líderes nacionais desse partido. O segundo fizera parte de grupos comunistas normais, a versão estalinista, e havia caído fora, o terceiro era um social-democrata e o quarto havia participado espontaneamente de um grupo, em 1968, e tornara-se professor, o que era raro, pois era um funcionário do governo. Como professor, ele tinha um emprego vitalício e estava disposto a jogá-lo fora, em troca de uma coisa arriscada. As duas mulheres pertenciam a duas facções diferentes do movimento feminista e não se entendiam.

Assim, havia muitas tensões entre os membros do grupo. Nunca me esquecerei desse trabalho. Não trabalhávamos em uma universidade; a prefeitura da cidade nos cederá uma sala, que ficava em uma sinagoga reconstruída, que tinha sido queimada em 1938. Tentamos reconstruí-la como um museu anti-fascista. Ocupávamos o segundo andar do prédio. Éramos nove ao todo e começamos as reuniões para iniciar nosso projeto, que era pioneiro; era o primeiro a ser desenvolvido em uma base voluntária, e nunca me esqueço da primeira reunião do grupo – todos tinham experiências de vida muito intensas e nenhum emprego. Eu disse então: “Bem, agora vamos nos apresentar”. Todos deviam contar alguma coisa sobre a própria vida, de modo que pudéssemos nos conhecer melhor. Lembro-me que todos declararam seu nome, idade, áreas de trabalho e nada mais.

DP: Não havia um diálogo?

LN: Não. Todos escondiam sua experiência de vida – partiam de seu primeiro projeto, a história da vida da classe trabalhadora. Assim, nosso projeto se revelou muito interessante, mas também muito difícil em termos de dinâmica de grupo; enfrentávamos todo tipo de problema, as pessoas se revelaram muito diferentes de nossa idéia inicial sobre elas.

Através desse projeto, desenvolvemos a hipótese de que na década de 30, no período de paz, a classe trabalhadora fora despolitizada e ficou privada de seu sindicato e de instituições culturais, não para evitar a exploração, mas no sentido de ser levada a se encaixar em uma forte economia de guerra. Com isso, as pessoas retomaram os empregos que haviam perdido na época da grande depressão. E, de

certa forma, sua vida particular foi pulverizada das instituições proletárias. Tinham grandes expectativas; diziam por exemplo, “um dia terei um carro”, ou “um dia terei um apartamento decente”, “um dia conseguirei me livrar da pobreza”, e coisas semelhantes que, na época, eram difíceis para a maioria. Essas eram coisas sobre as quais eles antes nunca teriam pensado, sonhavam apenas com uma melhora pessoal, pois todas as instituições coletivas haviam falido. Passaram a acalentar expectativas para si próprias e para a família. As famílias estavam mais prevenidas contra a cultura pública que existira anteriormente, e essas expectativas foram, de certa forma, associadas à americanização do pós-guerra, quando realmente se materializaram.

Essa era, portanto, uma história cultural muito mais complicada que a da classe trabalhadora, explorada durante o 3º Reich. De certo modo, a classe trabalhadora não continuou a existir nas décadas do pós-guerra, e sim produziu o trabalhador rico. Assim, tentamos estabelecer uma nova hipótese cultural quanto à relação entre a experiência e as falsas expectativas do período de reconstrução, mesmo entre a classe trabalhadora daquele importante distrito industrial.

Creio que criamos a História Oral da Alemanha Ocidental através de histórias da vida. O que quero dizer é que houve outros projetos que começaram de outra maneira; dizíamos: “Agora vamos tentar reconstruir o nazismo como era naquela época; e procurávamos pessoas que tivessem vivenciado aquela experiência, mas como tínhamos chegado à conclusão de que todos os alemães mentiam sobre a história de seu país, fazíamos a eles perguntas sobre sua vida pessoal, reconstruindo a cultura a partir das implicações na atmosfera pessoal. Agindo dessa forma, desenvolvemos uma estratégia de entrevistas e uma avaliação cultural sobre o que a História Oral pode ou não fazer.

Outro aspecto é que nossa abordagem da entrevista fosse menos populista. Refiro-me, por exemplo, ao que não é verdade... você acaba agindo como um verdadeiro guia do entrevistado; mesmo os fascistas tornam-se mais amigáveis, à medida que você passa a conhecê-los melhor. Tínhamos uma abordagem muito mais cética, e nosso ceticismo a partir da experiência de campo aumentou, pois estávamos partindo de idéias esquerdistas, e elas foram reduzidas por estudos empíricos. Portanto, creio que o que fizemos foi, antes de mais nada, deixar que as pessoas narrassem sua vida da maneira como quisessem, pois o modo como elas contam sua história

para um estrangeiro é, por si só, um documento cultural. Mas tínhamos uma diretriz bastante específica.

As entrevistas baseavam-se em cerca de 200 pontos, uma mistura na qual perguntávamos sobre o itinerário social do entrevistado durante o período da guerra e coisas semelhantes. Fazíamos repetidas perguntas sobre a situação de trabalho, relacionamentos familiares, história dos pais, dos filhos, etc, de modo que gerávamos um conjunto bastante elaborado de dados sobre parentescos e explorávamos a experiência de vida de cada uma daquelas pessoas. Ao mesmo tempo, preparávamos com antecedência perguntas-chave, que deveriam gerar histórias. Na Alemanha, por exemplo, perguntávamos para todas as pessoas se elas tinham alguma lembrança do primeiro soldado aliado que haviam visto na época da ocupação, e isso gerava inúmeras histórias; ou perguntávamos se tinham visto os pogroms nazistas em 1938, quando as sinagogas foram queimadas, e essa pergunta também gerava muitas histórias; outra pergunta era se tinham visto Hitler pessoalmente, e se alguns tinham participado do movimento de resistência.

Dependendo da pergunta, a pessoa voltava ao passado e falava de sua infância. Houve um caso em que a pessoa se lembrou da ocasião em que Hitler chegou ao teatro local em um grande Mercedes; ela era criança; havia adultos em pé na sua frente, e ela ficou contente quando pôde ficar na frente dos outros, pois conseguiu ver melhor o ditador. Daí para a frente, a resistência sobre a história acabou, e o entrevistado passou a contar uma história diferente.

Tínhamos também a parte que chamávamos de “impulsos” quando fazíamos mais ou menos as mesmas perguntas; assim, em geral sempre havia quatro componentes envolvidos nas entrevistas. Havia o que chamávamos de entrevista aberta, dividida em quatro partes; uma das partes consistia em apenas ouvir a pessoa falar sobre sua vida; algumas falavam durante cerca de 10 minutos; outras chegavam a falar durante quase uma hora. Era como se fosse um teste para um emprego. Tínhamos uma parte interativa, quando o entrevistador perguntava se não faltava alguma coisa para ser contada, demonstrando que não estava acreditando muito no que ouvira. Por exemplo, se um homem falara apenas sobre seus negócios e sobre o partido no qual ingressara, dizíamos: “Agora conte-nos sobre a primeira garota pela qual você se apaixonou”. Assim, tentávamos promover uma interação, estimulando outros caminhos da memória, desviando-a do caminho pré-escolhido e abrindo outros, para dar maior complexidade à entrevista. Dessa forma, conseguíamos criar uma

atmosfera pessoal, pois não estávamos criticando as pessoas, apenas tentando fazer com que se lembrassem de outro fatos, de outro lado de sua vida e, principalmente, desenvolvendo o lado emocional da entrevista. A seguir vinham perguntas a respeito de dados. Portanto, como dissemos, esses quatro componentes sempre faziam parte das entrevistas, e fizemos cerca de 100.

O ponto mais crítico do projeto foi no início de seu desenvolvimento. Aconteceu algo de que me lembrei ontem à tarde. Costumávamos nos reunir em volta da mesa de trabalho, quando cada membro do grupo apresentava uma de suas entrevistas e suas idéias a respeito. Depois que um dos participantes apresentou uma de suas entrevistas, estávamos discutindo seu conteúdo, quando, de repente, todos começaram a criticar a pessoa que havia sido entrevistada, acusando-a de nazista, má, de ser uma mulher que não vivia de acordo com os padrões do feminismo, e coisas desse tipo. E então o entrevistador, que havia apresentado a entrevista ao grupo com o objetivo de mostrar algo importante e novo, subitamente passou a defender o entrevistado, dizendo: “Vocês entenderam tudo errado, deviam ter conhecido essa pessoa... não, é diferente”. Portanto, isso constituía o que, na época, considerávamos a parte essencial do projeto social. Representava o choque de se libertar dos estereótipos, e isso parece essencial para desenvolver um projeto de História Oral criativo. Entretanto, depois desse episódio tivemos uma queda na dinâmica de grupo, pois se você perde suas estruturas de percepção e seus estereótipos, fica extremamente difícil criar novos, principalmente se você não trabalha sozinho. Se você faz História Oral sozinho, tem uma série de projeções, e ninguém as contesta, mas se você pertence a um grupo, essas projeções são dissecadas. Eu achava que podíamos fazer isso, porque havia muitos estereótipos conhecidos, e, de certa forma, comparávamos nossa experiência, diferenciada e fragmentada, com os estereótipos conhecidos. Entretanto, acho que, como um grupo, não estaríamos em condições de prescindir desses estereótipos.

Outra característica de nosso projeto era o fato de que não estávamos produzindo documentários, mas sim tentávamos criar tipos de experiências. Produzimos três volumes de ensaios sobre tipos especiais de experiências. O primeiro diz respeito principalmente a experiências relacionadas com o 3º Reich. O segundo concentra-se nos primeiros anos pós-guerra; e o terceiro é uma tentativa de integração e obtenção de perspectivas de longo prazo.

Escolhemos, por exemplo, mulheres que, na década de 30, começaram a trabalhar, pela primeira vez, em escritórios do setor metalúrgico, pois antes o setor não empregava mulheres, e de repente apareceu uma geração pioneira que pertencia, em grande parte, à classe trabalhadora. Em outra situação, escolhemos uma geração mais nova de mineiros, para tentar mostrar como o conflito de gerações entre pais e filhos mesclava-se com a mudança de suas perspectivas políticas, e que uso faziam delas.

Nesse sentido, portanto, escolhemos o que chamamos de grupos estratégicos. Mas como éramos um grupo, podíamos ter vários desses grupos estratégicos e fizemos a seguinte experiência: se você tem cerca de 15 entrevistas, e elas de certa forma envolvem um aspecto cultural, isso é suficiente. Se você faz outras 15 entrevistas, elas apenas se duplicam, pois as 15 primeiras são suficientes para você perceber se existe na vida daquelas pessoas alguma coisa que seja considerada cultural para aquele grupo, e se esse fator cultural não estiver presente entre 5 e 15 entrevistas, então ele simplesmente não existe. E se elas retratarem apenas a pluralidade da vida, então você, por assim dizer, estará culturalmente no escuro. Afinal, o projeto precisa ter algum componente cultural, não pode ser apenas sobre a vida de indivíduos, mas deve analisar a vida de indivíduos.

Realizamos esse trabalho no início da década de 80, e alguns membros de nosso grupo continuaram um pouco além; realizaram outras entrevistas com membros da classe média do Ruhr.

DP: O que resultou este trabalho?

LN: É um livro de três volumes, e isso de certa forma é curioso, pois em Munique há um importante instituto de história contemporânea. O pessoal de lá odiava História Oral e queria uma documentação apropriada. Entretanto, teoricamente era relativamente aberto. Na mesma época fizeram um trabalho que na Alemanha foi chamado de projeto bávaro. Desenvolveram um volumoso relato da vida do dia-a-dia, assim como da história social e cultural do 3º Reich na Bavária. De certo modo, éramos duas entidades concorrentes, mas o projeto deles era muito mais extenso que o nosso..., e eles contavam com documentos oficiais, principalmente relatórios policiais e coisas semelhantes.

Isso ocorreu entre o final da década de 70 e o início da década de 80, e eles acabaram por mostrar que a Bavária, com todo o seu conservadorismo, seu catolicismo, sua estrutura agrária e tudo o mais, tinha sido um verdadeiro campo de resistência, enquanto nós, com um projeto mais esquerdista e proletário, mostramos uma espécie de colaboracionismo cultural. E o importante era que havíamos produzido esse trabalho através de entrevistas com pessoas. E eles, heroicamente, haviam se mantido fiéis aos documentos tradicionais, consultando a polícia e outras fontes semelhantes.

Do ponto de vista metodológico desenvolver uma História Oral crítica juntamente com o povo poderia revelar pontos de vista muito mais críticos do que aqueles revelados por um relatório policial, pois é tarefa da polícia descobrir seus oponentes e pensar que todo pequeno incidente pode ser o início de uma sublevação política. Assim, qualquer piada contada em uma cervejaria da Bavária era considerada como uma demonstração de resistência, de modo que todos os historiadores que consultaram os registros policiais ficaram com a impressão de que a Bavária estava constantemente em estado de sublevação, e talvez se sublevando contra o 3º Reich. Por outro lado, as lembranças das pessoas indicavam que praticamente não tinha havido resistência. Elas haviam tido boas experiências com os nazistas e, ao comentarem sua experiência de guerra, muitas diziam: “Foi minha primeira viagem ao exterior e me diverti muito na França”, e coisas desse tipo.

Portanto, a metodologia e o resultado cultural estavam muito entrelaçados, e creio que ambos os projetos tiveram um importante impacto cultural na Alemanha. Não que os livros sobre esses projetos tenham se tornado *best sellers*, mas de certa forma abriram espaço para a memória dos alemães.

Para encerrar esta entrevista, eu gostaria de fazer um pequeno relato sobre um projeto – a respeito do qual falarei na sexta-feira – que fizemos na República Democrática Alemã (RDA) em 1987; gostaria também de comentar, como reflexão posterior, se foi ou não um projeto moral.

Na década de 80, antes de Gorbachev, houve o início de uma nova abertura entre a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental, e creio que foi, basicamente, uma repercussão de longo prazo da chamada nova política do leste da década de 70 que, de certa forma, inseriu os estados soviéticos do leste em um processo europeu

comum, no qual os direitos civis eram promovidos. Mas não tanto por uma questão de continuar aceitando esse governo, ou de cooperar com ele, mas sim com a finalidade de possibilitar maior liberdade de informação, etc.; não uma liberdade total, mas uma certa dose de liberdade.

E nesse processo, pela primeira vez desde a década de 50, historiadores contemporâneos ocidentais foram convidados a participar de uma conferência organizada pela RDA. Durante décadas não tinha havido nenhum intercâmbio, e eu estava entre as quatro pessoas convidadas. A partir desse ponto, desenvolvemos um processo segundo o qual todos os anos realizávamos uma conferência comum, uma na RDA e uma na Alemanha Oriental, com a participação de várias delegações. Eu era encarregado de organizar a conferência do lado ocidental. Era o início do governo Gorbachev, e naquela época todos – tanto do lado ocidental como do lado oriental – achavam que a RDA não poderia resistir, que a perestroika iria ocorrer também na Alemanha Oriental. Eu abordava as pessoas e dizia que se agora podíamos conversar, deveríamos desenvolver um projeto de História Oral; que o país agora era socialista, e já tínhamos desenvolvido um projeto sobre a continuidade da classe trabalhadora; portanto eram de certa forma pessoas parecidas, e que iríamos apenas fazer no leste o mesmo tipo de perguntas que havíamos feito em outras partes; amanhã falarei sobre isso, pois é uma história complicada.

Finalmente conseguimos permissão oficial das autoridades governamentais, e assim o projeto foi anunciado. Devido ao apoio oficial, era um projeto colaboracionista, e fomos obrigados a trabalhar em cooperação com historiadores do leste. Fomos examinados pelo pessoal da segurança, etc. Creio que, de certa forma, foi a aventura de minha vida. Não conheço nenhum outro pesquisador que tenha conseguido passe livre por seis meses; eu podia entrar e sair da RDA em uma época em que era muito difícil conseguir permissão para entrar naquele país e em que as pessoas de lá não podiam viajar para os países ocidentais; nós viajávamos livremente de carro para lá e para cá, portando gravadores e fitas-cassete, enquanto as outras pessoas não podiam carregar nem sequer uma folha de papel. Portanto, éramos privilegiados.

Eu tinha dois colaboradores: o rapaz que fora chefe dos maoístas na Alemanha Ocidental, e uma mulher, ex-comunista e ex-simpatizante da RDA. Ela havia saído de lá e na ocasião morava em Greens; eu era um liberal, portanto formávamos um grupo bastante especial. Foi muito interessante, pois descobrimos quanto ainda restava da cultura comum alemã através do modo como éramos recebidos e das

coisas que as pessoas nos diziam. De certa forma, éramos considerados parentes, pois elas consideravam a Alemanha Ocidental como parte da cultura comum; eu diria que isso era muito mais verdadeiro do que o inverso, ou seja, o que os alemães ocidentais achavam dos alemães orientais.

Na década de 50, muitas pessoas diziam que os alemães orientais eram irmãos e irmãs, no sentido nacional, mas durante décadas essa afirmativa havia sido ridicularizada. A República Federal Alemã estava a caminho de se tornar uma nação independente, enquanto, na Alemanha Oriental, o governo dizia “somos uma nação socialista”, embora ninguém acreditasse plenamente nisso; mas todos acreditavam que ainda existia uma proeminente nação alemã, e que eles eram parte dela.

Descobrimos coisas muito interessantes sobre nação, nacionalidade, tradição e construção de uma nação, que contrastavam totalmente com as políticas do governo; o governo da Alemanha Ocidental dizia que todos éramos parte de uma nação, mas as pessoas não se comportavam como se acreditassem nisso; as pessoas do leste diziam: “somos uma nação especial”, e o povo dizia “somos todos alemães”. Assim, descobrimos que o problema da continuidade na Alemanha Oriental era mais sério ainda; era a mesma classe trabalhadora, mas seus membros tinham se tornado socialistas na época do pós-guerra; entretanto, eram alemães parecidos com aqueles que haviam experimentado uma história de adaptação e que agora tinham de ser recodificados dentro da história da resistência, ou, por outro lado, tinham sido silenciados.

Portanto, descobrimos que a RDA era menos um país onde o socialismo estava vivo do que um país realmente integrado pela imobilidade social, lá mais acentuada nas décadas de 50 e 60 do que na Alemanha Ocidental, na época considerada uma sociedade bastante móvel. Mas a mobilidade social que vinha da classe trabalhadora era exagerada, principalmente na década de 60 e 70, e a integração social foi muito menos problemática.

Desenvolvemos o projeto no primeiro semestre de 1987, ano em que o governo da Alemanha Oriental se voltou contra os russos, dizendo: “Talvez eles precisem da perestroika; tivemos a nossa na década de 60, e não concordamos com a nova abertura”. E rejeitavam até mesmo revistas especiais vindas da Rússia e coisas semelhantes. Portanto, nosso projeto foi desenvolvido dentro de uma situação em que a Alemanha Oriental estava, de certa forma, se esfacelando politicamente, quan-

do a legitimação através da mobilidade social permitira que o país, até certo ponto, funcionasse.

De uma certa forma estávamos tolhidos, enquanto os alemães ocidentais consideravam a Alemanha Oriental como o país que havia adotado o estilo soviético que melhor funcionava. Era o 11o país industrial do mundo, apesar de ser muito pequeno. Mas descobrimos que as pessoas dentro do país não descortinavam um futuro grandioso. Havia uma grande crise entre as gerações; as pessoas achavam que o conceito socialista não se espalhara entre as pessoas da geração mais jovem porque não era baseado em valores e sim em carreiras, e as carreiras não existiam mais; a geração mais jovem considerava ponto pacífico a qualificação, pois acima dela havia uma camada diferente, constituída pela velha geração.

Portanto, novamente, eu diria que prosseguimos com o projeto de História Oral como uma importante experiência de diagnóstico político e mergulhamos em uma grande aventura. Hoje, analisando a queda da RDA e a abertura do Leste, tudo isso parece convencional. Mas naquela época achávamos que nos países do Leste tudo tinha um significado, tudo era controlado e policiado pelo governo, portanto, realizar um projeto de História Oral era uma grande aventura ..., e agora eu moro na Alemanha Oriental. Hoje, tudo foi desmistificado, todas aquelas instituições não mais existem e, na verdade, tudo se tornou um tanto banal.